

## Congresso Internacional Ecumênico de Teologia

A Associação Ecumênica de Teólogos do 3.º Mundo (ASETT) já organizou diversas reuniões para o confronto teológico entre as diversas partes do 3.º Mundo. A 1.ª Reunião teve lugar em Dar-es-Salaan (Tanzânia) em agosto de 1976, onde se estabeleceu um diálogo inicial, elaborando-se programa e formação da Associação (ASETT), com eleição de uma diretoria por 5 anos. Em dezembro de 1977, foi a vez da África, na cidade de ACCRA (Gana), acolher delegações de 27 países africanos e alguns delegados de outros continentes para discutir a "Teologia Africana": libertação ou adaptação.

Em Sri Lanka, a temática foi a "Teologia Asiática". Reunião que se realizara em janeiro de 1979 com a presença de delegações de 13 países da Ásia e representantes de outros Continentes. Para completar a volta do 3.º mundo, faltava a A. Latina. Durante a Reunião de Puebla, articulou-se esta 4.ª reunião, que foi realizada aqui no Brasil, São Paulo, do dia 20 de fevereiro até o dia 2 de março.

Além do Comitê Internacional, que está sob a presidência de J. Russell Chandras (Índia) com a Secretaria Executiva entregue ao

chileno Sérgio Torres, residente em N. York, criou-se um comitê nacional. A presidência executiva coube ao bispo metodista do Rio de Janeiro, Paulo Ayres Mattos. D. Paulo Evaristo Arns, como presidente honorário, acolheu em sua arquidiocese os participantes. Fez um discurso inaugural e deixou aos congressistas toda liberdade de discussão, reflexão, não interferindo em nada no desenrolar dos trabalhos. Na organização mais imediata, coube ao Frei Betto e Regina Festa a tarefa da coordenação e secretaria.

Como se vê, a organização do Congresso envolve muitas pessoas com funções diferentes, mas que se interferem. Isso teve sua repercussão no desenrolar do programa, com vantagens e também dificuldades. De um lado, o pluralismo dos organizadores deu ao congresso um cunho universal. Mas a falta de certa homogeneidade organizativa e falta de clareza nas diversas funções, produziram certa insegurança no desenrolar dos trabalhos, com muitas mudanças, com hesitações metodológicas. Entretanto, pode-se dizer que "grosso modo" o conjunto da atuação dos diversos comitês foi positivo.

O Congresso quis definir-se como de teologia e não de teólogos. Isso significa que não se tratava de um diálogo entre teólogos profissionais, mas de uma reflexão em que atuavam com plena liberdade e autonomia os teólogos propriamente ditos, agentes de pastoral, pessoas das bases eclesiais. Além disso, foi um Congresso Ecumênico. Não se restringia à maioria católica do Continente latino-americano, mas atendia à contribuição preciosa das minorias evangélicas, protestantes. Mais. Quis incorporar os questionamentos dos irmãos da Ásia, África e Minorias étnicas e raciais de países saxônicos.

A situação eclesial do Congresso deixa-se compreender não somente em relação às reuniões anteriores já mencionadas, mas mais claramente ainda na seqüência de dois magnos eventos de Igreja. O primeiro realizou-se em Puebla, janeiro-fevereiro de 1979, com a Conferência Geral do Episcopado latino-americano, deixando-nos valioso documento de conclusões. No setor protestante, houve a Assembléia das Igrejas em Oaxtepec, México, em 1978. Esses dois eventos serviram de pano de fundo para as reflexões dos participantes do Congresso de São Paulo. Esse espírito de continuidade e fidelidade à Igreja esteve sempre presente. Procurou-se que predominasse intercâmbio de experiências de fé das comunidades vivas. A tarefa mais estritamente reflexivo-teológica quis construir-se sobre a base sólida das vivências cristãs das comunidades populares. Essas estavam no centro. O tema geral da Reunião era precisamente a "Eclesiologia das comunidades eclesiais de base" ou como se prefere dizer em muitos países de língua espanhola "comunidades cristãs populares".

Seguindo, pois, já uma metodologia consagrada em nossas reuniões de Igreja, partiu-se, como vinha dizendo, de uma troca de experiências. Nos dois primeiros dias, dedicou-se ao trabalho de ver a realidade dessas comunidades eclesiais de base nos diferentes países. Procurou-se destacar as práticas eclesiais mais significativas, com descrição e avaliação. No final do 1.º dia de exposição em grupos, fez-se um balanço dos principais problemas levantados por essas comunidades cristãs populares, comprometidas num processo de libertação. Podemos resumí-los em quatro:

- a) as lutas populares e a vivência da fé: relação profunda e tensão entre elas;
- b) as mudanças no interior da Igreja a partir da maior consciência e prática de participação de todos em seu seio;
- c) a presença dos agentes de pastoral não oriundos das camadas populares dentro dos movimentos populares;
- d) tomando, sobretudo, o caso da Nicarágua, como paradigma, ver como todo um universo de símbolos controlado pelas classes dominantes começa a ser apossado pelas camadas populares, no campo cultural em geral e de modo especial na esfera religiosa.

No dia seguinte, continuou-se a aprofundar a descrição analítica das experiências populares. Para ajudar a reflexão, o teólogo peruano Gustavo Gutiérrez fez brilhante colocação sobre o fenômeno determinante de todas essas mudanças: a emergência do pobre, a realidade de sermos um povo oprimido e cristão, o surto maravilhoso das comunidades cristãs populares. Contra esse quadro, procurou-se nesse segundo dia, sistematizar os fatores de vitalidade e de estagnação das comunidades eclesiais num contínuo cristão e oprimido. Seria longo reproduzir aqui essa sistematização. A reflexão sobre as CEBs caminhou muito nesse dia. Para terminá-lo, ouvimos as questões que os não-latino-americanos levantavam diante do quadro exposto.

Esses questionamentos, somados aos despertados pelos próprios latino-americanos, podem ser condensados em quatro blocos:

- a) a identidade eclesial das CEBs dentro do movimento popular: maior clareza definitiva do que é CEB;
- b) CEB é o chamado de Jesus Cristo para evangelizar as massas;
- c) relação entre Igreja e o Reino de Deus;
- d) a importância dos instrumentos de análise científicos, os ritmos de evolução das diferentes comunidades nos diferentes países em relação ao uso de instrumentais, sobretudo marxistas.

Com tais questões encerrou-se esse primeiro momento do VER. Para iniciar o segundo, dedicado à análise da dominação no Con-

tinente, que aparecia de diferentes e múltiplas maneiras nas descrições das CEBs, pensou-se em aprofundar situações bem concretas de dominação, em vez de entrar logo na análise dos grandes mecanismos sociais. Para isso, escolheu-se o estudo de três casos típicos de dominação em nosso Continente: do índio, do negro e da mulher. Para tratar o tema da dominação sobre a mulher, aproveitou-se dos resultados de um seminário latino-americano sobre "A mulher latino-americana, a práxis e a teologia da libertação", realizado no México em outubro de 1979. A reflexão desse seminário centrou-se nas causas estruturais da opressão sexista. Analisou-se a dupla exploração que pesa sobre a mulher do povo, enquanto classe explorada e enquanto mulher. Ela se torna ou mão-de-obra mais barata ou é confinada ao espaço da família como objeto de prazer ou de procriação. A libertação econômica, continuaram afirmando as mulheres, não significa automaticamente a libertação da mulher. A libertação dos preconceitos sexistas supõe avanço no processo libertário. A opressão do índio também tinha sido objeto de um encontro em San Cristóbal de las Casas, México, em setembro de 1979. Num total de 60 participantes indígenas de diversos países como Brasil, Equador, Guatemala, Nicarágua, México, Panamá, Peru e El Salvador, procurou-se conhecer as lutas e a mobilização dos indígenas no processo de libertação dentro do marco de opressão econômica, cultural e racial em que vivem. O resultado dessa reunião foi também apresentado no Congresso. Os negros, por sua vez, tinham realizado em Jamaica, no fim do ano passado, 1979, seu encontro para estudar a especificidade da opressão sobre o negro.

Foi sobretudo sublinhada a longa tradição de opressão que pesa sobre o negro, desde sua captura na África, seu transporte para nosso Continente e sua situação de escravo durante séculos. Essa história pesa no conjunto de nossos países. Aí aparecem claras as três grandes opressões: econômica, racial e cultural (com sua correspondente dimensão religiosa). Os três grupos — mulher, índio e negro — puderam expor com toda clareza diante dos participantes a crueza da opressão que sofrem. Os aspectos racial, sexista e cultural foram os estudados.

O domingo 24 de fevereiro — 3.º dia do Congresso — foi dedicado à visita de algumas comunidades eclesiais de base de São Paulo pelos participantes, divididos em grupos e acompanhados por agentes de pastoral das respectivas regiões da periferia de São Paulo. Dia muito rico em experiências para todos. Serviu também de uma pausa no intenso trabalho de discussões, plenários, exposições etc...

No dia 25 continuou-se a aprofundar as Estruturas e Mecanismos de Dominação no Capitalismo. Para facilitar a reflexão, o prof.

Luiz Alberto Gomes de Souza fez excelente exposição teórica. Conseguiu unir profundidade e simplicidade, a fim de que todos os presentes pudessem entendê-la.

Mostrou a importância de uma flexibilidade teórica para entender a diversidade da situação de nosso Continente, evitando a pura transposição de categorias científicas elaboradas em outros contextos sociais. Tentou recuperar num marco mais amplo e global o estudo das dominações concretas, vistas nos dias anteriores: mulher, negro e índio. Analisou a situação das classes dominantes. Não se trata de uma "crise da dominação", mas de uma "dominação sempre em crise", por causa da crescente organização popular. Iluminou tal reflexão com exemplos dos diferentes países do Continente. Completou o quadro com dados sobre o aspecto nacional e internacional do Capitalismo e sobre a atividade da Igreja dentro desse contexto. A reflexão foi completada por H. Assmann que nos falou do desenvolvimento da Comissão Trilateral, suas crises, reajustes, programas.

O estudo das dominações concretas e da dominação econômica através do sistema capitalista colocou no centro das discussões a questão entre a relação entre classe e etnias, classe e cultura. Esse tema recebera uma abordagem pelo mexicano dominicano Miguel Concha. Entretanto, foi um tema que conservou sua tensão até o fim do Congresso. Em geral, os latino-americanos ligados à teologia da libertação insistem mais na categoria de dominação de classe para entender a opressão, enquanto que minorias étnicas insistem sobre a condição de sua condição de dominados cultural e etnicamente. Nesse sentido houve uma forte intervenção crítica aos teólogos da libertação por parte do teólogo americano negro Cornell West.

Para terminar esse segundo momento do trajeto metodológico do Congresso, o prof. Enrique Dussel ofereceu rico quadro de referência dos tempos históricos e da presença da Igreja no nosso Continente. Mostrou os momentos políticos mais importantes vividos pelos diferentes países e a posição da Igreja diante dos desafios suscitados pela realidade política.

O terceiro momento assumiu como matéria de estudo os movimentos populares e a presença dos cristãos neles. Como subsídio teórico, apresentou o prof. Luiz Eduardo Wanderley, PUC-SP, elementos esclarecedores sobre a natureza, estrutura, história, diversidade dos movimentos populares.

Depois ouvimos relatos sobre diferentes países tais como Peru, Bolívia, Chile, El Salvador, Guatemala e sobretudo Nicarágua. Em duas ocasiões, o grupo da Nicarágua nos relatou a experiência da

participação cristã nos movimentos populares, Frei Carlos Mesters nos apresentou sua larga experiência do contato com o uso da Escritura por parte do povo. Palestra genial. Acessível a todos. Fruto de longa prática junto ao povo.

Por detrás das trevas e dos sofrimentos impostos pelos regimes de opressão, vigentes no Continente, aparecia também a luz esperançosa da prática popular dos movimentos e organizações de resistência e contestação. Foi sempre uma preocupação metodológica do Congresso não se fixar nem deixar-se enredar pelo engodo ideológico de analisar a situação social a partir das classes e poderes dominantes. Antes, procurou-se partir dos movimentos e práticas populares, que são, em última análise, a explicação das cargas opressivas e repressivas do Sistema. Para encerrar esse momento deveria haver duas séries de entrevistas. Isso significava que um grupo de teóricos em ciências sociais e teologia ficariam à disposição de questionamentos de pessoas designadas para isso e também de qualquer membro do auditório. Depois de terminar a primeira entrevista, onde se debateu sobretudo a identidade da fé no contexto dos movimentos populares, as pessoas mais ligadas à base, seja por originarem dela ou por trabalharem diretamente vinculadas a ela, introduziram uma moção de ordem. Fizeram observações críticas no sentido de que o Congresso estava tornando-se por demais acadêmico. Muitas exposições teóricas, pouca discussão em grupo. E sobretudo, havia restrito espaço para que as pessoas menos afeitas à esgrima verbal pudessem manifestar-se. Com isso, suprimiu-se a segunda entrevista. Ouviram-se somente as observações críticas de que os participantes não-latinos tinham a maneira de teologar e de ver a realidade dos latino-americanos.

Assim a última etapa do Congresso, teve sua metodologia mudada. Começou-se a reflexão sobre a Eclesiologia das comunidades populares cristãs com rápido painel, onde Ronald Muñoz (Chile), J. Miguez-Bonino (Argentina, pastor metodista), L. Boff e J. Sobrino (El Salvador) lançaram pistas para que em grupos se discutisse sobre os quatro grandes temas até então mais tratados no Congresso:

- a) comunidades eclesiais de base e os movimentos populares;
- b) comunidades eclesiais de base e evangelização de massa;
- c) projeto de libertação e projeto do Reino — Espiritualidade;
- d) libertação e exigência de renovação da Igreja.

Esses temas deveriam ser discutidos em grupos, segundo o interesse de cada um que se inscreveu no seu tema predileto, levando em conta três aspectos:

- a) relação entre classe, raça e sexo;
- b) dimensão ecumênica;
- c) convergência e particularidade do trabalho no mundo latino e não-latino.

Como resultado dessas discussões, elaboraram-se relatórios mais amplos para dar-se conta das diferentes posições dos participantes. Nessa altura do Congresso, aconteceu um equívoco desagradável que necessita ser esclarecido, a fim de evitar distorções. Esses relatórios dos grupos significavam simplesmente o resultado de um dia de estudo e discussão. Por um mal-entendido, um membro da Assembléia preparou para a imprensa um relato informativo dos trabalhos, feito de textos tirados dos relatórios dos grupos, com o título de "conclusões provisórias". Não se tratava na verdade de conclusões, mas simplesmente de idéias, às vezes, contraditórias, não discutidas nem aprovadas, de grupos de trabalho. Os jornais aproveitaram para alardear afirmações comprometedoras, como se fossem decisões do Congresso, ainda que provisórias.

Isso levou a Direção a tomar a decisão, depois sancionada em plenário, de acelerar o trabalho do Documento final, com a finalidade de anular a impressão sectária que o informe entregue à imprensa dera. Pois este não passara de uma montagem artificial de algumas afirmações extraídas arbitrariamente dos relatórios.

A parte da tarde, a noite e a manhã dos dias 29/02 e 01/03 foram dedicadas à redação e à revisão do texto, finalmente aprovado unanimamente pelo Congresso.

O Congresso produziu dois tipos de Documento final. Um foi feito em estilo de Carta-Mensagem aos cristãos que vivem e celebram a sua fé nas comunidades cristãs populares dos países e regiões pobres do mundo. Estilo simples, contundente, onde se comunica uma mensagem de esperança e se partilha a vivência dos participantes do Congresso de modo singelo. É uma maneira evangélica de participar às comunidades de base a vida que levamos em comum nesses dias de oração, reflexão, discussão, comunhão de fé, comunicação de vivências.

O segundo documento assume um caráter mais formal. Ainda que relativamente breve, procura exprimir de modo mais técnico a problemática estudada. Mesmo assim, procurou-se manter um estilo simples, evitando formas por demais acadêmicas. Numa primeira parte — VER —, descreveu-se de modo analítico o fenómeno da emergência dos pobres, na sua dupla face: movimento popular de libertação e estrutura de dominação. A reflexão teológica relê essa realidade sócio-política à luz da Revelação em três grandes eixos:

- a) reino de Deus, História humana e Igreja;
- b) evangelização e comunidades eclesiais de base;
- c) seguimento de Cristo.

Depois de alguns esclarecimentos, o texto conclui com uma série de exigências e questionamentos:

- a) espiritualidade e libertação;
- b) perseguição, repressão e martírio;
- c) unidade das igrejas a partir dos pobres;
- d) igrejas e povos do 3.º Mundo;
- e) conversão e estruturas da Igreja;
- f) lutas específicas e processo global da libertação.

Com uma concelebração, presidida pelo Ministro das Relações Exteriores da Nicarágua, Pe. Miguel de Escoto, juntamente com os bispos presentes, encerrou-se o Congresso.

A grande riqueza da Assembléia consistiu, a meu ver, na participação intensa da vida e das experiências de cristãos de diferentes continentes engajados seriamente no processo de libertação. Dessa partilha, surgiu uma dupla consciência mais clara e explícita da amplitude de um lado dos movimentos e organizações populares com significativa presença de cristãos e não menor intensidade da opressão e repressão por parte das classes e poderes dominantes. As duas faces da realidade aparecem claras na sua dialética e conflitividade. Se de um lado sofremos com as diversas e inúmeras narrações das formas mais sofisticadas e terríveis de opressão, repressão, doutro, animava-nos a esperança de ver a força e vida dos movimentos populares de libertação. Ganhou-se, sem dúvida, maior clareza na compreensão dessa relação entre os dois pólos: movimentos de libertação e opressão. Sobre isso, a reflexão teológica caminhou com maior solidez e firmeza.

Houve ganho, portanto, em nível existencial e teórico. A fé e a esperança crescem através da vida compartilhada. A inteligência vê de modo mais nítido por meio dos instrumentos teóricos explicitados ao longo das exposições teóricas, debates e comunicações.

Nicarágua foi a grande estrela do Congresso. A experiência e a prática dos cristãos na revolução libertadora do povo da Nicarágua ofereceram muitos elementos para a reflexão dos participantes. Viveu-se como experiência pascal. Outros participantes tinham, porém, atrás de si uma negra sexta-feira santa. Vivem, no momento, a obscuridade que precede a páscoa. Nicarágua revelava um pouco da alegria imperfeita ainda, mas real, de uma vitória do povo.

Enquanto o Congresso se realizava fora de São Paulo, no Instituto Paulo VI, cada noite no TUCA da PUC de São Paulo assistíamos a impressionante encontro de alguns dos participantes do Congresso com os cristãos da cidade. Organizou-se uma série de 8 noites, em que o tema do dia no Congresso era de certo modo transmitido de modo vivo ao povo. A maioria dos presentes vinha das comunidades de base da periferia de São Paulo. Assim os cristãos puderam ouvir além de rápidas exposições das principais reflexões dos congressistas uma série de testemunhos de vida de outros cristãos engajados nos diferentes países. Seria longo percorrer toda a lista daqueles que participaram nas noites do TUCA.

Na linha dos testemunhos de vida, de atividade cristã de compromisso, podemos citar um índio aymara da Bolívia, uma freira índia de Guatemala, um agente de pastoral do Brasil e D. Guillermina da Colômbia. Testemunhos colados à vida que impressionaram pela sua limpidez, coragem. Cada um a seu modo narrava a luta de libertação no meio de horrível opressão, sobretudo na Guatemala. Entre os teólogos, estiveram Gustavo Gutiérrez, Ronaldo Muñoz, Enrique Dussel, Jon Sobrino, L. Boff, Carlos Mesters, o teólogo negro americano James Cone, a teóloga metodista Elza Támez (Costa Rica), Herminio Gil (Honduras), Miguez-Bonino (Argentina e da presidência do Conselho Mundial de Igrejas). Como se vê, tivemos uma safra de primeira qualidade. Os pastores se fizeram ouvir através de D. Samuel Ruiz (México), D. Pedro Casaldáliga, D. José Maria Pires. Outros estavam mais ligados ao campo da Pastoral como W. Smart (Haiti), Paulo Suess (Cimi) e às Ciências Sociais como R. Ames (Peru), F. Danel (México). Procurou-se alternar reflexões mais teóricas com comunicações de experiência e práticas libertadoras.

O ponto alto foi, sem dúvida, a noite dedicada à Nicarágua. Frei Betto a coordenou, fazendo rápida introdução sobre o processo revolucionário do país desde seus primeiros passos. Apresentou também os participantes. Estiveram presentes para falar-nos com entusiasmo e vida, três pessoas das comunidades de base, um sacerdote franciscano e dois membros do Governo, o comandante Daniel Ortega e o Ministro das Relações Exteriores Pe. Miguel de Escoto. Foi noite feérica, em que o entusiasmo da jovem delegação nicaraguense contaminou o público brasileiro. Tanto a simplicidade da mulher do povo Socorro como o vigor decidido de um dos membros da Junta de Governo Daniel Ortega refletiam o sentido de unidade popular da revolução. Narraram-nos como eles se empenharam na luta contra a tirania somozista. Fizeram questão de insistir, que a revolução da Nicarágua, se de um lado não copiou nenhuma outra, doutro não quer ser copiada. Não se

instituiu como modelo. Somente um ponto ela pretende deixar como dado adquirido: a unidade na humildade. Só foi possível a vitória porque os diferentes grupos renunciaram humildemente pretensões hegemônicas para unirem-se numa frente única contra o inimigo. Outra característica marcante foi a presença dos cristãos, seja no sentido físico de suas pessoas, como no espírito de sua visão de fé. Sem dúvida, o exemplo de perdão e generosidade em relação ao inimigo vencido releva dessa origem cristã.

O Frei franciscano Uriel Molina deu testemunho comovente do itinerário que teve de percorrer, desde seus preconceitos abstratos e dogmáticos até sua inserção no processo revolucionário, auxiliado pelo testemunho de muitos jovens orientados por ele na sua paróquia. Com muita simplicidade o Comandante Ortega insistiu que a libertação ainda não aconteceu na Nicarágua. Enquanto houver analfabetismo, gente passando fome, morando em barracos, ela ainda não foi feita. A revolução simplesmente criou o espaço de liberdade para fazer a libertação. E todos se encontram nessa tarefa e necessitam imensamente do apoio de todo o Continente. Eles querem afirmar com decisão sua vinculação amigável com todos os nossos países.

Com as noites no TUCA, conseguiu-se algo inédito: o entrosamento entre um Congresso de Teologia e a amplidão do realizado com a vida das comunidades cristãs, numa mútua troca. Pois, apesar do número dos participantes no TUCA ter oscilado entre 1.500 e 2.000 pessoas, conseguiu-se através de perguntas por escrito e orais um diálogo entre os conferencistas e o público. Os membros das CEBs animaram os participantes do Congresso com sua presença atenta, entusiasta, numerosa. E os participantes transmitiram as riquezas que traziam de seus países e captadas no convívio dos dias de trabalho, oração e reflexão. O CIET tornou-se assim um evento complexo, cujos efeitos irão muito além das horas passadas no recinto fechado do Instituto Paulo VI. Nele apareceram tanto as riquezas da igreja do 3.º mundo como a vitalidade da igreja de São Paulo. Desse "admirável comércio" espiritual todos se beneficiaram. E vivemos, portanto, na esperança de que as sementes lançadas em tantas comunidades frutifiquem generosamente. O Reino de Deus é na verdade como um grão de mostarda, pequenino, lançado ao solo. Amanhã veremos os pássaros abrigarem-se em seus ramos. E o grande pássaro esperado, da liberdade, da fraternidade, da participação, da vida, encontrará aí abrigo.